

- “Profissões e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação” em João Freire (coord),
As Profissões em Portugal, Oeiras, Celta, 2003.

Associações Profissionais em Portugal

João Freire, Graça Carapineiro, António Pedro Dores, Maria Alexandre Lousada, Carlos
Gonçalves, Maria de Lurdes Rodrigues, Lina Antunes e Raquel Rego

CELTA

2003

ÍNDICE

CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO GERAL DO PROJECTO **Erro! Marcador não definido.**

1. O PROJECTO..... **Erro! Marcador não definido.**
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO **Erro! Marcador não definido.**
3. PLANO DA OBRA **Erro! Marcador não definido.**
4. APRESENTAÇÃO PRIMÁRIA DE RESULTADOS **Erro! Marcador não definido.**

CAPÍTULO 2: ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS: ANTIGUIDADE E RENOVAÇÃO ...**Erro! Marcador não definido.**

1. CRONOLOGIA E GEOGRAFIA ASSOCIATIVAS: O QUE ESCONDEM E O QUE REVELAM **Erro! Marcador não definido.**
2. ASSOCIAÇÕES DE PROFESSORES, CIENTÍFICAS E CULTURAIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE PROFISSIONAL..... **Erro! Marcador não definido.**
3. DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORRO MÚTUO ÀS ORDENS **Erro! Marcador não definido.**

CAPÍTULO 3: ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS E FORMAS DE HIERARQUIZAÇÃO INTERNA: O CASO DO SECTOR DA SAÚDE **Erro! Marcador não definido.**

- INTRODUÇÃO: UMA BREVE SOCIOGRAFIA DO SECTOR DA SAÚDE**Erro! Marcador não definido.**
1. AS PREOCUPAÇÕES DAS PROFISSÕES **Erro! Marcador não definido.**
 2. REPRESENTAÇÕES INTRA-PROFISSIONAIS **Erro! Marcador não definido.**
 3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PROFISSÕES **Erro! Marcador não definido.**
 - CONCLUSÃO **Erro! Marcador não definido.**

CAPÍTULO 4: ALGUNS CONTRIBUTOS EM TORNO DA DIMENSÃO ECONÓMICA DAS PROFISSÕES **Erro! Marcador não definido.**

1. ENSINO, EMPREGO E PROFISSÕES **Erro! Marcador não definido.**
2. INTERNACIONALIZAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES E DAS PROFISSÕES..... **Erro! Marcador não definido.**
3. ECONOMIA, RENDIMENTOS E PROFISSÕES..... **Erro! Marcador não definido.**
4. SECTOR PROFISSIONAL DA ECONOMIA E DA EMPRESA **Erro! Marcador não definido.**
5. SECTOR PROFISSIONAL DA ALIMENTAÇÃO, TURISMO E BELEZA **Erro! Marcador não definido.**

CAPÍTULO 5: TIC E AS PROFISSÕES EM PORTUGAL - CONFIGURAÇÕES SOCIO-PROFISSIONAIS E ATITUDES DOS SECTORES PROFISSIONAIS PERANTE OS DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO..... 5

1. TIPOS DE RELAÇÃO DOS DIFERENTES SECTORES PROFISSIONAIS COM O ESTADO E COM O MERCADO, EM PORTUGAL	7
2. QUALIFICAÇÕES DOS DIVERSOS SECTORES PROFISSIONAIS E RESPECTIVO RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DOS CONHECIMENTOS PARA O ESTATUTO PROFISSIONAL.....	13
3. AS PROFISSÕES PERANTE OS DESAFIOS TECNOLÓGICOS	17
4. ESTUDO COMPARADO DOS INDICADORES SOCIAIS A RESPEITO DA AVALIAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS SOBRE O IMPACTO DAS TIC NO DESEMPENHO DAS RESPECTIVAS PROFISSÕES	21
5. AS PROFISSÕES NO MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO TECNOLÓGICA	28
6. APLICAÇÃO DE QUADRO ANALÍTICO AO CASO DOS SECTORES DAS ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS E DOS TRANSPORTES	34
ANEXO AO CAPÍTULO 5: QUADROS COM A INFORMAÇÃO BRUTA RECOLHIDA NO INQUÉRITO, COM BREVES COMENTÁRIOS ANALÍTICOS SOBRE OS MESMOS.	40
CAPÍTULO 6: PROCESSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL, RECONHECIMENTO E VALIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS – das formulações às práticas institucionais.....	
	Erro!

Marcador não definido.

APRESENTAÇÃO..... **Erro! Marcador não definido.**

1. ENQUADRAMENTO DAS CONDIÇÕES GERAIS POLÍTICO-JURÍDICAS DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA **Erro! Marcador não definido.**

1.1. Educação e formação profissional – contributos para uma delimitação conceptual **Erro! Marcador não definido.**

1.2 Quadro legal comunitário *versus*/contínuo legal nacional, em termos de aposta na formação

2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PORTUGAL: ANÁLISE DAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS..... **Erro! Marcador não definido.**

2.1. Escolas profissionais em Portugal: um exemplo de responsabilidade partilhada.....**Erro! Marcador não definido.**

3. RECONHECIMENTO DE COMPETÊNCIAS: SISTEMA DE CERTIFICAÇÃO E DE ACREDITAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES..... **Erro! Marcador não definido.**

3.1 Da livre circulação ao reconhecimento de competências entre países ... **Erro! Marcador não definido.**

3.2. Acreditação das instituições..... **Erro! Marcador não definido.**

3.3 Exigências aos formadores

4. AS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS FACE ÀS NOVAS EXIGÊNCIAS DE FORMAÇÃO..... **Erro! Marcador não definido.**

4.1. Acções e meios na formação incrementados pelas associações **Erro! Marcador não definido.**

4.2. Outras características gerais relativas às acções de formação desenvolvidas.....**Erro! Marcador não definido.**

5. A FORMAÇÃO E OS REQUISITOS EXIGIDOS PELA ASSOCIAÇÃO. **Erro! Marcador não definido.**

5.1 Perfil dos associados em função do nível de habilitação.	Erro! Marcador não definido.
5.2. Requisitos para associação de profissionais estrangeiros	Erro! Marcador não definido.
5.3 Grau de afectação pela mobilidade internacional de profissionais..	Erro! Marcador não definido.
6. PAPEL DA ASSOCIAÇÃO NA CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL	Erro! Marcador não definido.
6.1. A formação como exigência para o exercício profissional.....	Erro! Marcador não definido.
6.2. Exercício profissional e sobreposição de funções/competências....	Erro! Marcador não definido.
NOTA CONCLUSIVA.....	Erro! Marcador não definido.
CAPÍTULO 7: ENQUADRAMENTO JURÍDICO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DO ASSOCIATIVISMO PROFISSIONAL EM PORTUGAL	Erro! Marcador não definido.
1. ENQUADRAMENTO JURÍDICO.....	Erro! Marcador não definido.
1.1 O associativismo profissional num contexto de fraca participação social.....	Erro! Marcador não definido.
1.2 A ausência de um quadro legal específico das associações profissionais de direito privado	Erro! Marcador não definido.
1.3 Associações públicas profissionais: interesse público <i>versus</i> interesse privado?.....	Erro! Marcador não definido.
1.4 Tendências recentes do associativismo profissional.....	Erro! Marcador não definido.
2. PARTICIPAÇÃO SOCIAL	Erro! Marcador não definido.
2.1 Introdução à leitura dos dados do inquérito	Erro! Marcador não definido.
2.2 Uma participação associativa diferenciada	Erro! Marcador não definido.
2.3 Acção colectiva individualizante e tradicional	Erro! Marcador não definido.
2.4 Associações pouco fechadas ou o jovem associativismo profissional português.....	Erro! Marcador não definido.
2.5 O futuro da regulação profissional.....	Erro! Marcador não definido.
CONCLUSÃO	Erro! Marcador não definido.
CAPÍTULO 8: ANÁLISE SÓCIO-POLÍTICA DAS ASSOCIAÇÕES	Erro! Marcador não definido.
1. AS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS ENQUANTO MICRO-SISTEMAS DE PODER	Erro! Marcador não definido.
1.1 Organização do poder associativo	Erro! Marcador não definido.
1.2 Disputa do poder	Erro! Marcador não definido.
1.3 Recursos	Erro! Marcador não definido.
1.4 Burocracia	Erro! Marcador não definido.
2. QUESTÕES DA NATUREZA DAS ASSOCIAÇÕES E DA SUA ACÇÃO	Erro! Marcador não definido.
2.1 Conflitos.....	Erro! Marcador não definido.
2.2 Preocupações e orientações das associações.....	Erro! Marcador não definido.
2.3 Uma lei das profissões?	Erro! Marcador não definido.
2.4 Uma lei das associações?	Erro! Marcador não definido.

2.5 Sindicatos e associações profissionais: o caso dos sectores militar e jurídico**Erro!
Marcador não definido.**

CONCLUSÕES **Erro! Marcador não definido.**

BIBLIOGRAFIA **Erro! Marcador não definido.**

AGRADECIMENTOS **Erro! Marcador não definido.**

CAPÍTULO 5: TIC E AS PROFISSÕES EM PORTUGAL - CONFIGURAÇÕES SOCIO-PROFISSIONAIS E ATITUDES DOS SECTORES PROFISSIONAIS PERANTE OS DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

António Pedro Dores*

Com base na constatação empírica da grande importância prática para as, e atribuída pelas, profissões às tecnologias de informação e comunicação, verifica-se existir heterogeneidade nos relacionamentos dos diversos sectores profissionais perante os desafios da sociedade da informação.

Neste capítulo desenvolve-se uma estratégia analítica a quatro níveis (estrutural, conceptual, prático e cultural) com o objectivo de desenhar quadros de referência capazes de localizar cada um dos sectores profissionais entre os vectores que distinguem as profissões tradicionais, emergentes e aquelas que reagem fortemente ao mercado; que distinguem os pólos modernizadores e conservadores das profissões; que distinguem os graus de intensidade da interferência das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no campo profissional; que distinguem a prevalência das culturas crítica, utilitária e de *boa vontade* face às TIC

Por fim, aplica-se o modelo analítico encontrado aos casos dos sectores profissionais das *engenharias e tecnologias* e dos *transportes*, exercício cujo sentido pode ser melhor apreciado se se tomar, para o efeito, a proposta de Reich (1991) sobre a emergente divisão social na sociedade da informação entre a classe dos analistas simbólicos, dominantes, a dos prestadores de serviços pessoais, dependentes da disponibilidade e interesse dos primeiros, e a dos trabalhadores de rotina, em declínio.

É lugar comum afirmar que as tecnologias de informação têm vindo a revolucionar os nossos modos de vida e também têm permitido redesenhar as relações profissionais entre os diversos grupos de trabalhadores. É voz corrente que quem não se adaptar aos novos modos de trabalhar, impostos pelas novas tecnologias, ficará condenado a perder contacto com a vida moderna, com a vida da parte da humanidade que se prepara para entrar na era da informação. Em contrapartida, quem souber explorar em seu proveito as novas potencialidades de produção, armazenamento, pesquisa e difusão de informação e dela conseguir produzir conhecimento útil,

* Professor Auxiliar do ISCTE.

não terá que conhecer limites para as suas ambições, como o prova a própria vida de Bill Gates, o homem mais rico do mundo.

Efectivamente, a rapidez das transformações tecnológicas e sociais das últimas décadas torna-nos reféns da nossa ignorância sobre o que efectivamente esteja a ocorrer, bem como das acções cruzadas de propaganda política, comercial e ideológica com várias origens e finalidades. Uma das consequências práticas deste estado de coisas é que escrever a respeito deste tema será sempre interpretado como sendo mais uma peça para o partido do crónico optimismo ou, ao invés, para o partido do crónico cepticismo.

Partimos, pela nossa parte, da relevância do dilema autonomia profissional e nível de encomendas que se coloca a qualquer profissional, e por maioria de razão às respectivas associações. O que caracteriza uma profissão é a ambição de desenvolvimento das competências profissionais e da potencialidade destas se porem ao serviço de interesses legítimos de clientes. Isso estará, certamente, na origem dos comportamentos e das atitudes dos profissionais, que não perderão de vista a salvaguarda das margens de autonomia profissionais, por entre lutas de interesses eventualmente contraditórios.

Não vamos aqui discutir de que forma qualificações e competências, assim como a satisfação dos clientes, dependem de factores estratégicos – *status*, capital ou influência política – tanto ou mais que de factores estritamente técnico-profissionais. Pensamos, tão só, que o valor intrínseco da qualidade profissional implica a possibilidade de cada agente profissional agir em favor de um máximo de autonomia laboral em cada situação concreta, alegando razões deontológicas próprias e suportando políticas sociais de afirmação colectiva fixadas e/ou cristalizadas nas associações próprias. A forma que tal postura assumirá em cada profissional e em cada momento histórico dependerá, também, do lugar de cada profissão na configuração específica da divisão de trabalho concreta. É sobretudo neste aspecto que iremos centrar as nossas atenções neste capítulo.

Os dados obtidos permitir-nos-ão apreciar as formas como as tecnologias de informação são usadas nos processos diferenciados de qualificação e de concorrência dentro e entre profissões e profissionais, num mundo cujo lema é precisamente a competitividade. Tais dados serão trabalhados de forma agregada, reunindo as associações inquiridas em grupos afins, referentes a sectores profissionais. Os sectores serão caracterizados e serão posteriormente

apreciados a propósito das respectivas relações com o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e também com o mundo globalizado que elas contribuíram para realizar nas últimas décadas.

1. TIPOS DE RELAÇÃO DOS DIFERENTES SECTORES PROFISSIONAIS COM O ESTADO E COM O MERCADO, EM PORTUGAL

Para a operacionalização da primeira tarefa, tendo em vista o problema que aqui nos ocupa, privilegiaremos as variáveis que indicam o grau de importância que cada associação reconhece aos conhecimentos e à competência profissionais, a avaliação que cada associação faz dos níveis de qualificação formal dos profissionais que representa e da presença e da forma de actuação em cada sector profissional de associações que também têm objectivos patronais e sindicais. Começemos por este último aspecto.

Figura 5.1: Tipos de apreciação da actividade de associações patronais, por sectores profissionais

	Há sobreposição ou concorrência	Há separação ou complementaridade
Forte presença	Alimentação, turismo e beleza	Cultura, informação e espectáculo Engenharias e tecnologias Outros profissionais da saúde Economia e empresa Médicos
Fraca presença	Jurídicas e estatais Ciência Transportes	Professores Militares, policiais e segurança

Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.1, em anexo no final do capítulo, e à parte da P102 (*cf.* anexo fim do livro).

Distinguímos, assim, quatro tipos de sectores profissionais:

- a) quando a actividade de associações patronais é grande e a sobreposição e concorrência acontece com relativa frequência, o sector da *alimentação, turismo e beleza*,
- b) quando a actividade de associações patronais é grande mas prevalece apenas a separação e complementaridade de actuações, onde se situam os *outros profissionais de saúde*, *engenharias e tecnologias*, *economia e empresa*, *cultura, informação e espectáculos e médicos*,

- c) quando a actividade de associações patronais é baixa mas onde prevalece a sobreposição e a concorrência, como nos casos das *profissões jurídicas e estatais, transportes, ciência* e
- d) quando a actividade de associações patronais é baixa mas onde prevalece a separação e complementaridade de actuações: caso dos *militares, policiais e seguranças* e também dos *professores*.

Observemos agora a qualidade as associações sindicais.

Figura 5.2: Tipos de apreciação da actividade de associações sindicais, por sectores profissionais

	Há sobreposição ou concorrência	Há separação ou complementaridade
Forte presença	Professores Transportes Médicos Jurídicas	Alimentação, turismo e beleza e estatais
Fraca presença	Economia e empresa Cultura, informação e espectáculo Outros profissionais da saúde	Militares, policiais e segurança Ciência Engenharias e tecnologias

Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.2, em anexo no final do capítulo, e a parte da P102 (cf. anexo fim do livro).

Aplicando o mesmo tipo de análise usada com as associações patronais descobrimos a seguinte tendência: a existência de associações sindicais no sector aumenta a probabilidade de haver sobreposição e concorrência entre as actividades destas associações e das associações profissionais. Com os sectores desenhados, podemos construir quatro grupos:

- a) o dos *militares, policiais e seguranças, ciência e engenharias e tecnologias*, sectores com menor actividade sindical e onde a actividade sindical que há é separada e complementar da actividade associativa profissional;
- b) próximo estão os sectores de *outros profissionais de saúde, economia e empresa, cultura, informação e espectáculos*, que apenas se distinguem dos primeiros porque

registam alguma actividade sindical com sobreposição e concorrência relativamente às actividades associativas profissionais;

- c) grupo incharacterístico: *profissões jurídicas e estatais* é o sector mais próximo da média e *alimentação, turismo e beleza* tem presença de associações sindicais acima da média mas sobreposição e a concorrência abaixo da média;
- d) *transportes*, e também *médicos e professores*, são sectores em que a presença de associações sindicais é maior, bem como a sobreposição e a concorrência.

Gera-se, como vemos, um cenário complexo de informações sobre o tipo de relações que nos diversos campos profissionais, aqui organizados em sectores, se estabelecem entre associações profissionais e as associações patronais e sindicais, como prevê a teoria. Entre a clássica e politicamente institucionalizada polarização de classes sociais, as classes médias, entre as quais se podem colocar os profissionais que se organizam em torno das respectivas associações, debatem-se de forma difícil de caracterizar estatisticamente, à maneira de estruturas. Além dos factores económicos puros, estes grupos sociais mobilizam, de forma imbricada, tradições, instituições sociais e políticas, *status*, para dar visibilidade e legitimidade a competências e qualidades sócio-económicas que se tornam parte integrante das respectivas identidades pessoais, como espécie de caução e garantia pelos serviços prestados – deontologicamente validáveis através de regimes de disciplina profissional organizáveis pelas associações. A luta económica será sempre, com certeza, uma dimensão relevante das atenções dos profissionais e das respectivas associações. Porém, a forma de segurar vantagens comparativas e absolutas no campo das retribuições económicas depende, em larga medida, da disponibilidade dos clientes para confiarem nos profissionais e não em formas alternativas de ajuda e, também, dos apoios estatais – da administração e do campo político, central e local – na qualidade de cliente mas também de fonte de legitimação e reconhecimento.

Reich (1991) explica-nos que a sociedade americana, desde os anos setenta em diante e especialmente nos anos oitenta, à medida que se transforma numa sociedade de informação, vê aumentar a procura de profissionais de economia e de leis, com o objectivo de reorganizar, flexibilizar, renovar os métodos de gestão da economia e da respectiva relação com o Estado, nomeadamente em termos fiscais. Estes dois campos profissionais, de crescimento quantitativo muito importante nos EUA nessa época, desenvolveram condições da emergência dos *analistas*

simbólicos.¹ Tipicamente serão as pessoas altamente qualificadas, sempre dispostas a envolverem-se em projectos de trabalho em qualquer lugar do planeta, lá onde a inovação e a mudança precise ser planeada e romper com rotinas e ideias feitas. Dito de outro modo, são os promotores da terciarização da economia.² Segundo o autor supra citado, este novo grupo social dominante, para manter e aumentar as capacidades próprias e, ao mesmo tempo, sustentar a concorrência entre os seus membros, para consolidar a dominância social e, eventualmente, aspirar à dominância económica, num futuro não previsível, estes novos protagonistas sociais necessitam de a) romper com formas de pensamento e acção profissional próprias das sociedades modeladas pelo conflito institucionalizado entre patrões e trabalhadores, em particular romper com a crença de que as empresas nacionais são, de alguma maneira, distintas das empresas estrangeiras b) encontrar formas de actualização, isto é relações privilegiadas com escolas superiores que lhes permitam acompanhar, na fonte, os avanços das ciências e das tecnologias com vista a mobilizá-los para criar oportunidades de transformação socio-económica a nível local, regional ou global c) é função dos analistas simbólicos difundir as competências assim adquiridas na perspectiva da resolução dos problemas que os respectivos patronos ou clientes lhes possam colocar, isto é devem ter meios de comunicação e de deslocação rápida para qualquer parte do planeta.

As propostas de Robert Reich remetem-nos para um tipo ideal de profissional dos tempos que passam, que se bem sucedido estará paulatinamente cada vez mais integrado no mercado global. Não vamos aqui discutir a validade desta análise social pós-industrial ou se a sociedade portuguesa têm um modo de desenvolvimento que se quadre com tal tipo de descrição da sociedade americana. Interessa-nos tão só neste modelo a possibilidade que nos oferece de considerar o desenvolvimento técnico-profissional numa perspectiva ao mesmo tempo antropológica e estrutural centrada nos profissionais. Tal modelo responde bem à nossa necessidade já referida de evitar – na medida de possível – sermos interpretados como alinhando

¹ No início dos anos 70, Daniel Bell, ao verificar o crescimento sustentado da quantidade de engenheiros e professores nos EUA desde os anos 30, furou a noção de sociedade ps-industrial, uma sociedade em que, precisamente por via da necessidade de utilização dos crescentes recursos tecnológicos – aos níveis da formação escolar e da formação técnico-profissional – a polarização capital-trabalho seria ultrapassada.

² Não cabe neste estudo a discussão sobre este tema controverso. Serve esta nota apenas para chamar a atenção que debaixo do termo terciarização se podem encontrar factos muito diversos, desde o crescimento demográfico dos empregados de escritório até à invenção de novos sectores de actividade económica ou a colonização de actividades anteriormente livres de relações de tipo capitalista.

com tecno-optimistas ou tecno-pessimistas. E, claro, fornece-nos critérios para escolha de variáveis a privilegiar no estudo que estamos a apresentar.

Retomemos, agora, os dados já apresentados neste capítulo sobre os profissionais portugueses, com o objectivo de clarificar e sintetizar a sua interpretação, tendo em mente a noção de analista-simbólico acabada de apresentar.

No sector da *economia e empresa* as actividades das associações patronais e sindicais caracterizam-se principalmente por serem *separadas e complementares*, isto é mais cooperantes que competitivos, enquanto que a presença no campo de associações patronais é superior à média e a de associações sindicais é inferior à média. Próximos deste perfil de campo profissional estão os sector dos *outros profissionais de saúde, da engenharia e tecnologia e da cultura, informação e espectáculo*.

O caso dos *juristas e profissões estatais* remete-nos para um perfil de pouca presença de associações patronais no campo claramente abaixo da média (11% compara com 27%) e uma presença de associações sindicais próxima da média (22% compara com 23%). As relações das associações profissionais caracterizam-se por serem exclusivamente de tipo competitivo com as associações patronais. Ao inverso do perfil anterior, no sector em análise, a este ambiente competitivo corresponde a uma menor presença de associações patronais. As relações com as associações sindicais, ainda que sejam caracterizadas por serem maioritariamente de tipo cooperativo (56% *separação e complementaridade* e 22% *sobreposição e concorrência*), são mais competitivas que a média verificada no conjunto dos sectores profissionais (total de 11% de *sobreposição e concorrência*). O sector das profissões *juristas e profissões estatais* ocupa uma posição única, tendo mais próximos de si os sectores dos *professores, dos transportes e da ciência* no que toca às relações com as associações patronais e sindicais.

Se se aceitar que as profissões, na concepção clássica, têm sido pressionadas para se afirmarem e desenvolverem utilizando também quer os estatutos de carreiras assalariadas, no sector privado ou público, quer o estatuto empresarial, os indicadores que estamos a averiguar, através dos dados obtidos no inquérito, podem servir para medir os níveis de tensão estratégica que caracterizam os diversos sectores profissionais em Portugal. Assim, podemos construir a hipótese de que os sectores profissionais mais modernos, no sentido que lhe dá Robert Reich, terão tendência a entender-se mais próximos do modo empresarial de apresentação no mercado

de prestação de serviços do que do modo assalariado. É o que acontece com o sector profissional *economia e empresa*. Outros sectores, mais conservadores, terão tendência para resistir a esta evolução potencial, que todavia não deixa de se fazer sentir, quiçá por efeito da abertura dos mercados profissionais à concorrência internacional. Será o caso das *profissões jurídicas e estatais*.

Os *médicos* são um sector de características únicas: mantém relações cooperativas com as associações patronais e de competição com as associações sindicais.

Há menos associações patronais e sindicais nos *militares, policiais e segurança* que em qualquer dos outros sectores profissionais, e o ambiente entre si é o de maior cooperação que se registou neste inquérito.

No sector de *alimentação, turismo e beleza* a presença de associações tanto de índole patronal como de índole sindical é mais sentida que nos outros casos e com elas estabelecem-se relações de tipo diverso, no primeiro caso de mais competitivas que em qualquer dos outros sectores, mas no segundo caso ao nível de cooperação dos mais elevados.

Para sintetizar, classificaremos o perfil dos *médicos* no âmbito das profissões conservadoras acima definidas, embora numa situação especial: neste sector a empresarialização das actividades profissionais é, tradicionalmente, a forma de estabelecer jurídica e economicamente a profissão, entendida em termos clássicos, de profissão liberal. E a tensão com os sindicatos fica a dever-se às dificuldades de uma parte dos profissionais em acederem a esse modo de viver a profissão, e às resistências da Ordem dos médicos em *democratizar* as práticas de saúde, por exemplo, abrindo às medicinas não convencionais.

O sector de *alimentação, turismo e beleza* é um sector que depende mais do mercado do que de qualificações e conhecimentos no sentido académico do termo. Ao contrário, o sector *militares, policiais e segurança* aparece dominado por um grande e compreensível isolamento do mercado.

Para resumir a imagem que sai da análise feita, diremos que se podem identificar três perfis profissionais: o perfil conservador (incluindo juristas e médicos), o perfil emergente (incluindo economistas e engenheiros) e o perfil dos profissionais com relações extremadas com o mercado (imersos como na *alimentação* ou auto-excluídos como no caso dos *militares*).

Comentário [D.1]: Res:
Jur – (profs – só saberes) transp, ciência (tradicionalis) Méd – (fechamento pburg)
Econ – saúde, eng cul (emergentes)
Ali – aberto ao mercado Mil – fechado ao mercado

A análise de Reich, tomando como referência a sociedade norte americana, não deve ser transposta directamente para a sociedade europeia e em particular para Portugal. Por exemplo: nos EUA os sectores profissionais identificados pelo autor como mais modernizadores são os economistas e juristas, no âmbito da tarefa de deslocalização das indústrias e na redefinição em teias empresariais das velhas multinacionais de produção vertical, que quanto mais fortes eram mais controlavam todo o sistema produtivo, desde a extracção da matéria prima até ao serviço ao cliente pós-venda. Nesta empreitada, o papel dos juristas não é de segunda importância, já que o redesenho funcional (com base nas potencialidades de flexibilização da produção introduzidas pelas novas tecnologias e em particular pelos computadores e robôs) depende do parecer jurídico-económico sobre a melhor forma que se encontrar de um relacionamento favorável com o estado, num dos estados americanos ou noutra qualquer estado, em qualquer ponto do planeta.

O que verificamos em Portugal é que é o sector profissional *economia e empresas* está mais próximo do sector *engenharias e tecnologias* que do sector dos juristas, aliás associado – como é lógico em Portugal – com *profissões estatais*. A modernização em Portugal, efectivamente, não tem o mesmo sentido que nos EUA. Isso traduz-se em diferentes estratégias dos profissionais e remete-nos para diferentes culturas profissionais em diferentes países, *i.e.* para um trabalho comparativo que sai do âmbito do nosso propósito.

2. QUALIFICAÇÕES DOS DIVERSOS SECTORES PROFISSIONAIS E RESPECTIVO RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DOS CONHECIMENTOS PARA O ESTATUTO PROFISSIONAL

Dada a rapidez das transformações técnicas e organizativas – flexibilização – que caracterizam as economias modernas do nosso tempo, o contacto com os profissionais da investigação e desenvolvimento (I&D) é fundamental para o exercício das profissões que pretendam, e sintam a necessidade de, estar a par dos melhores serviços que podem prestar aos respectivos clientes. O inquérito, cujos resultados aqui se apresentam, permite também observar as qualificações adquiridas, adquiríveis, assumidas e reconhecidas em cada sector profissional.

Pedimos às associações profissionais que nos proporcionassem uma avaliação do grau de qualificações escolares predominantes no campo. Donde resultou o quadro seguinte:

Figura 5.3: Tipos de qualificação escolar na profissão, por sectores profissionais

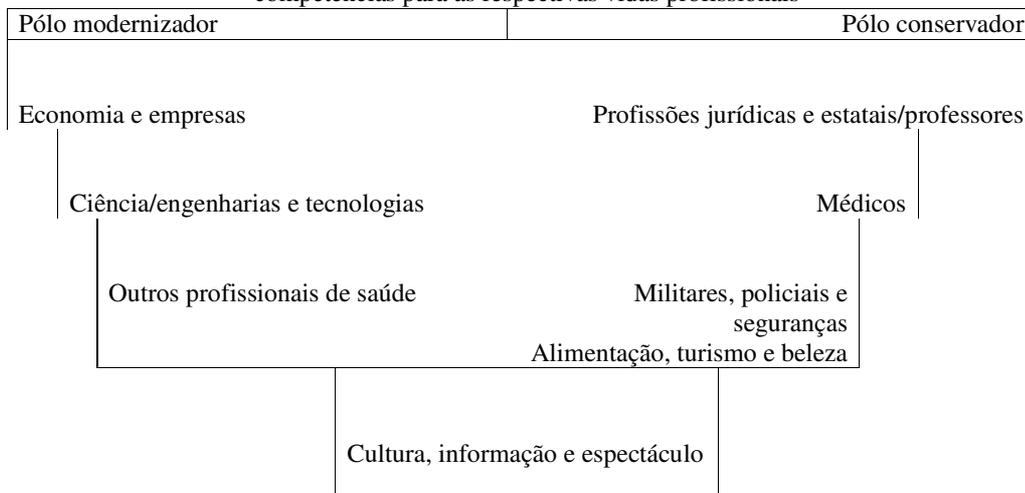


Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.3, em anexo no final do capítulo e às respostas à P68 (cf. anexo fim do livro).

Podemos afirmar que há um grupo de sectores profissionais, mais antigos ou mais exigentes, cujos processos de fechamento social em torno da exigência de qualificações académicas certificadas se mantêm operacionais. Um outro grupo tem vindo a suportar a escassez de profissionais com qualificações superiores com a inclusão de modos de formação inicial não académicos. Um terceiro grupo, cujas profissões eventualmente relevam mais do ofício que de saberes formalizados em *canons* escolares, apenas pode aspirar a promover espaços académicos de circulação de conhecimentos e saberes específicos das respectivas profissões, por forma a suportar o aumento de prestígio e visibilidade sociais dos respectivos profissionais. Tal suporte será subjectivo, na medida em que mobilizar, por simpatia, o prestígio da academia. Mas também será objectivo, na medida em que a reflexão intelectual que o trabalho académico desenvolve encontrar formas de se se testar e valorizar em função da vida profissional.

Tendo em conta os subjacentes processos de recomposição dos campos de actividade profissional, proporcionados seja pelas dinâmicas próprias da sociedade portuguesa, seja por fenómenos conhecidos genericamente sob a designação de globalização, podemos admitir que mesmo profissões com baixas qualificações formais reconhecidas e baixo prestígio relativo potenciem a mobilização de conhecimentos adquiridos através de currículos tácitos. A distância geográfica de volume de negócios do mercado português relativamente aos mercados centrais tem consequências, especialmente nos campos tecnológicos – máquinas e competências de utilização das mesmas. Ocorre, por isso, que pode ser irrazoável investir em formação alargada e pública de certo tipo de profissionais qualificados, embora tal tipo de formação seja indispensável à utilização de máquinas também elas indispensáveis: foi o que aconteceu com as profissões informáticas. Neste processo o saber e o conhecimento apresenta-se desligado dos processos formais de formação superior e as competências profissionais são atribuídas e reconhecidas social e profissionalmente sem tal sustentação.

Figura 5.4: Atitudes das profissões, em Portugal, perante a importância dos conhecimentos e competências para as respectivas vidas profissionais



Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.4, em anexo no final do capítulo e às respostas à P78 (cf. anexo fim do livro).

Nota-se uma tendência para os sectores profissionais atribuírem menos importância aos conhecimentos e competência profissional para a profissão, consoante beneficiem mais de recursos académicos obrigatórios para o acesso à profissão.

É um fenómeno semelhante ao valor que os grupos sociais mais ricos afirmam atribuir ao dinheiro. Dada a sua abundância quotidiana e a relativa facilidade de acesso a incrementos que sejam necessários, assim como a segurança subjectiva do mérito social dessa posse diferencial, para os ricos o dinheiro, como para as profissões mais formalmente fundadas nos títulos escolares superiores as competências e os conhecimentos, são naturalizados. São pensados como fazendo parte incorporada da pessoa de cada profissional, sem mais esforço do que aquele que é preciso para realizar as funções vitais.

Trata-se de um fenómeno que pode traduzir, pelo menos em parte, por um lado, os preconceitos sociais, justificados pelo carácter reprodutor do sistema de ensino, reforçado pelos controlos usados por algumas organizações profissionais seja sobre as escolas de formação inicial seja sobre os estagiários.³ Por outro lado reflecte a concepção substantivista do conhecimento e das competências, prevalecente na sociedade portuguesa, e que tem expressão na importância social extraordinária que assume o tratamento por *doutor*, em comparação com o relativo menosprezo pelas manifestações de competência, de que se queixam recorrentemente artistas e intelectuais, cujo acesso aos meios de comunicação de massa são mais facilitados que aos profissionais, embora também estes últimos estejam sujeitos ao mesmo tempo de ambiente social.⁴

Resistências a esta tendência vêm da *ciência* e das *engenharias e tecnologias* que apesar de bem colocadas no nível de profissionais que dispõe de diplomas de curso superior atribuem o máximo de importância aos *conhecimentos e competências profissionais*. No outro extremo, os sectores *militares e alimentação*, apenas um pouco abaixo da média das respostas obtidas, ficam

³ Não é por acaso que as respostas *nada importante* apenas são registadas nos sectores médico e jurídico, onde as práticas de controlo de entradas na profissão são mais formais e antigas.

⁴ A experiência docente do autor no ensino universitário revela uma preferência dos alunos em dar prioridade à conquista de notas, em detrimento da qualidade das aprendizagens. Prova de que tal interpretação não é meramente impressionista está na publicação recente de uma notícia em que se registava o facto de uma família com um descendente no sétimo ano se queixava de desde havia 3 anos atrás o aluno estar a passar de ano sem que os familiares estejam convencidos do seu mérito ao nível da aprendizagem. Pediam, por isso, para que o aluno chumbasse, contra a vontade dos professores. Não cabe neste trabalho a análise das políticas educativas em Portugal e as suas consequências ao nível da cultura de valorização social dos diferentes tipos de saberes.

claramente aquém do reconhecimento massivo da importância do conhecimento que concederam outros sectores, cujos profissionais também dispõem de menos qualificações superiores.

Retomando a hipótese acima enunciada, poderá dizer-se os sectores da *ciência* e das *engenharias e tecnologias* tendem a romper com a cultura conservadora, aproximando-se assim do sector da *economia e empresa* atrás citado como mais modernizador, ao passo que os sectores *professores e médicos* se mostram próximos dos *juristas e estatais*. A análise ficará completa se se registar o facto de os sectores *militares e alimentação* surgirem, neste indicador, do lado conservador e os sectores dos *transportes e outros profissionais de saúde* aparecerem no lado modernizador. O sector *cultura, informação e espectáculo* regista valores em cima da média.

3. AS PROFISSÕES PERANTE OS DESAFIOS TECNOLÓGICOS

Diz-se das tecnologias de informação e comunicação (TIC) que transformam, de uma maneira geral, as condições e os ambientes de trabalho. Nesses casos, podemos distinguir os que ficam a perder, mais provavelmente os trabalhadores desqualificados e os quadros de intermediação de informação, cujo trabalho pode mais facilmente ser substituído pelos sistemas informatizados. Fala-se então de resistência à mudança. São beneficiários e ficam, teoricamente, fora de risco os que detenham boas qualificações profissionais ou os que desenvolvam competências para trabalhar com os sistemas de informação electrónicos.

A simplicidade desta visão do impacto das novas tecnologias nos mundos do trabalho revela-se eventualmente útil para apresentar a origem de reconversões profissionais importantes: novas profissões, novas especializações de velhas profissões, radical transformação dos instrumentos de trabalho quotidianos em muitas profissões, recomposição das posições relativas dos profissionais no quadro dos processos de cooperação inter e intra profissionais. Fazer o desenho de tão complexas transformações não nos irá ocupar aqui.

Como afirmam alguns tecnólogos da informação, em certas situações os computadores e as redes de comunicação (TIC) são usados como um espécie de máquinas de escrever mais caras. Isto é, as práticas profissionais *resistem à mudança*, como gostam de dizer os modernizadores voluntaristas. As potencialidades abstractas de utilização das TIC – imaginadas pela indústria informática para comercializar os seus produtos – constituem-se em aliciantes modelos utópicos de relações de trabalho a concretizar nos sectores mais dinâmicos em investimentos em sistemas de informação. Porém, raramente a tais modelos correspondem positivamente realidades vividas,

da mesma forma que aos mundos que nos são quotidianamente apresentados pela publicidade não corresponde objectivamente o nosso próprio quotidiano. O que não quer dizer, o contrário é que é verdade, que a presença de tais utopias não sejam parte integrante, de pleno direito, da vida social e profissional, com eficácias próprias, sem as quais os produtores de instrumentais TIC teriam deixado de trabalhar da forma como hoje trabalham.

Em Portugal, como se poderá verificar pela leitura do Livro Verde da Sociedade da Informação, apesar dos índices de escolaridade e de produtividade do trabalho serem, desde sempre, os mais baixos da União Europeia, em certas áreas de utilização de TIC há pioneirismos e eficácias não conseguidas mesmo nos países mais desenvolvidos, como sejam o multibanco, a via verde nas auto-estradas ou a adesão ao telemóvel. Tais dados parecem confirmar a tese – defendida, por exemplo, por Alvin Toffler (1980) – de que, independentemente do grau de desenvolvimento do capitalismo e das condições de trabalho de cada país, as iniciativas empresariais e sociais de exploração das virtualidades técnicas à disposição podem ser de ponta, como se usa dizer. Também dos diversos sectores profissionais poderemos esperar um fôlego modernizador, com a mobilização que possam fazer das tecnologias de informação e comunicação mais actuais. Assim estejam mais ou menos disponíveis e sejam mais ou menos bem sucedidos em maximizar benefícios para si e para os seus clientes.

A modernização induzida pelas TIC nos diversos campos profissionais dependerá, mais do que em sectores alvo da indústria TIC, como sejam os bancos e seguros ou a indústria automóvel, da iniciativa, competência, imaginação e capacidade de assumir riscos de cada profissional. Para os seus sectores alvo, a indústria TIC desenvolve, ela própria, máquinas e programas com tal pormenor e rigor, que é possível montar, praticamente de raiz, toda uma estrutura empresarial a partir de um processo de aquisição de sistemas informáticos e de comunicações. Tal foi o caso de um dos bancos mais conhecidos em Portugal. Para algumas profissões, como a arquitectura, através das aplicações gráficas, aconteceu algo semelhante. A informatização da profissão foi de tal maneira que a profissão de desenhador foi completamente subvertida: o traço manual desapareceu e, radicalmente, deu lugar ao desenho por computador. Para outras actividades profissionais, como a engenharia ou a contabilidade, também se produziram sistemas dedicados, isto é sistemas de máquinas e programas integrados e afinados para determinadas actividades específicas de planeamento, cálculo ou simulação, próprias da profissão. Noutras profissões, como a dos professores, houve também fortes investimentos, mas

o sucesso das TIC tem sido menor do que as primeiras expectativas apontavam – efectivamente, irrealisticamente elevadas. Mas todas estas profissões, exemplos entre outros, se adaptaram, resistiram e transformaram, de uma forma geral, enquanto profissões, independentemente da maior ou menor iniciativa e capacidade individuais dos seus membros. Pretende-se com o presente estudo elucidar alguns parâmetros sociais dos desenvolvimentos actuais das diversas profissões em Portugal, no que toca à respectiva relação com as TIC.

Se é certo que, perante os dados já analisados, temos tendência para apontar um núcleo de profissões emergentes, que desenhámos em torno do sector *economia e empresa* e que inclui *outros profissionais de saúde, engenharias e tecnologias e cultura, informação e espectáculo*, isso não quer dizer que estes sectores sejam menos resistentes às mudanças ou mais susceptíveis de mobilizar novas tecnologias para renovar as práticas profissionais. O facto de haver indícios estatísticos de algum conservadorismo na organização profissional, por exemplo, dos *médicos* não significa que não seja precisamente nesse campo profissional que as TIC tenham tido aplicações práticas mais espectaculares e úteis.

Para procurar fugir, na medida do possível, a preconceitos que balizam grande parte das discussões sobre TIC, decidimos usar a sugestão de Robert Reich (1991) de considerar três grupos de actividades profissionais, consoante a relação que tenham com os desenvolvimentos da sociedade da informação. A saber: os analistas simbólicos, os prestadores de serviços pessoais e os trabalhadores de rotina. Estes últimos são os operários e empregados de escritório típicos da era industrial e distinguem-se dos analistas simbólicos por estarem presos à produção local e material. Os analistas simbólicos, segundo o autor, dependem de a) uma sólida formação inicial e continuada de alto nível, de tipo universitário, b) da existência de sistemas de transportes que permitam aceder física e virtualmente a locais onde os seus conhecimentos – vulgarmente especializados – possam ser usados e rentabilizados, e c) precisam de cuidados sociais especiais, por forma a curarem a sua falta crónica de raízes – vida familiar e social –, a compensarem a extrema concentração profissional que permite a exploração das oportunidades, a capacidade de se manterem disponíveis para aproveitarem as encomendas mais raras. É à medida em que mais profissionais aderem a este modo de vida global de analistas simbólicos, de racionalizadores do mundo, que os prestadores de serviços encontram oportunidades para se proporem reconstruir a vida social do analista simbólico, prestando serviços pessoais a quem, devido aos seus compromissos profissionais muito rentáveis, não tem tempo ou disponibilidade para a organizar.

Através o presente inquérito é-nos permitido observar, através do conhecimento das associações profissionais inquiridas, como os profissionais portugueses, na sua diversidade, se posicionam perante problemas como os seguintes: terão sido as profissões em Portugal colocadas perante o desafio da presença transformadora das TIC? Utilizam as TIC quotidianamente? Que ideia tem do impacto quotidiano das TIC nas vidas profissionais? Sentem necessidade de formação neste campo?

Dois terços das associações inquiridas têm *site* próprio na Internet. Perto de metade (44%) das associações divulgam informação técnica em suporte informático. Mais de um terço das associações declaram que mais de 75% dos seus profissionais utilizam Internet para fins profissionais.⁵ Cerca de metade das respostas referem que pelo menos um em cada dois profissionais dessa associação utiliza a Internet.

Para 37% das associações a interferência das TIC no desempenho profissional é *muito decisiva* e para 40% é apenas *decisiva*. Apenas 4% das associações inquiridas responderam não terem sentido nenhuma interferência das TIC nas respectivas profissões. Coerentemente com os dados anteriores, 90% das respostas confirmam que as associações julgam que as TIC incitam os profissionais a acções de reciclagem profissional.

Os dados são inequívocos. Os profissionais portugueses sentem, com certeza, que as TIC são um desafio profissional de grande profundidade e alcance. Muda e mudará, paulatinamente ou não, as práticas profissionais. Servirá aqueles sectores que se sintam em condições de tomar a iniciativa de descobrir outros modos de trabalhar.

Mais de um quarto das associações um dos objectivos/attractivos da utilização das TIC é maior facilidade de realizar certas tarefas. Outras tantas associações ficaram impressionadas também pela maior rapidez que permitem na execução dos desempenhos profissionais. Algumas, 4% das associações, encontram razões de segurança para utilizarem TIC e 3% falam em maior rigor. Outros critérios de avaliação do impacto das TIC nas profissões remetem-nos para a própria concepção do trabalho profissional: 17% falam de facilidade e abundância no acesso à informação disponível sobre cada assunto, 12% referem a maior facilidade de comunicações que existe, 7% menciona o maior investimento em processos de gestão que o uso das TIC implica.

⁵ A percentagem de respostas nesse sentido é de 31%. Porém há que ponderar o facto de 20% das associações não terem dados úteis para responderem. Tal ponderação afecta também o cálculo utilizado na frase seguinte.

13% das associações também especificam que as tecnologias de informação e comunicação permitem encarar os problemas com diagnósticos e soluções mais eficazes.

Quer dizer, as opiniões das associações sobre a relevância das TIC para a vida profissional corroboram a nossa interpretação. A sua presença multifacetada na vida profissional é clara, em função das características específicas de cada profissão, seja a nível daquilo que se antigamente se chamava o perfil do posto de trabalho, e hoje em dia se pode chamar a ergonomia da função profissional, seja a nível do tipo de acção proactiva que cada campo profissional terá, ou não, organizado para dirimir os novos desafios tecnológicos. Neste trabalho, como temos referido, apenas tratamos de aspectos referentes a este último aspecto, aquele que é apreensível através da metodologia por nós utilizada.

4. ESTUDO COMPARADO DOS INDICADORES SOCIAIS A RESPEITO DA AVALIAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS SOBRE O IMPACTO DAS TIC NO DESEMPENHO DAS RESPECTIVAS PROFISSÕES

Figura 5.5: Usos das TIC pelas associações profissionais, por sectores profissionais

	Site na Internet	Sem presença na Internet
Distribui informação em suporte informático	Professores Ciência Economia e empresa Transportes Cultura, informação e espectáculo	
Não distribui informação em suporte informático	Engenharias e tecnologias Jurídicas e estatais	Outros profissionais da saúde Médicos Militares, policiais e segurança Alimentação, turismo e beleza

Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.5, em anexo no final do capítulo e às respostas às P29a e P48b (cf. anexo fim do livro).

Para a) as associações profissionais de *professores* o *site* na Internet é praticamente obrigatório e também são este tipo de associações que usam mais os suportes informáticos para difundirem informação técnica. Para b) os outros sectores profissionais os valores obtidos neste

inquérito são bastante inferiores. Sectores como a *ciência*, a *economia e empresa*, os *transportes* ou *cultura, informação e espectáculos* têm valores acima da média em qualquer destes modos de utilização de possibilidades TIC. As c) *engenharias e tecnologias* e as profissões *jurídicas e estatais* usam mais que a média *sites* na Internet para fins associativos, mas usam menos que a média das associações profissionais os suportes informáticos como forma de difusão de informação técnica. Um quarto grupo de sectores profissionais d) é formado por aqueles que indicam valores abaixo das médias, como *outros profissionais de saúde, médicos* e os *militares, policiais e segurança* e a alguma distância está o sector da *alimentação, turismo e beleza* com valores de 27% de utilização nos dois tipos de modo de mobilização de TIC.

Esta divisão dos sectores profissionais refere-se às práticas auto atribuídas no questionário às próprias associações. Não tem que haver correspondência, como veremos que não há, entre as práticas de uso das TIC associativas e as dos profissionais no seu labor profissional. Eis como as associações inquiridas julgam ser correcto descrever os usos da Internet pelos profissionais dos respectivos sectores:

Figura 5.6: Usos das TIC pelos profissionais e suas associações, por sectores profissionais

	Maior uso das associações	Menor uso das associações
Maior uso dos profissionais	Ciência Cultura, informação e espectáculo Economia	Médicos Engenharias e tecnologias e empresa
Menor uso dos profissionais	Professores Transportes	Jurídicas e estatais Outros profissionais da saúde Militares, policiais e segurança Alimentação, turismo e beleza

Nota: Figura correspondente à análise feita dos quadros 5.5 e 5.6, em anexo no final do capítulo e às respostas à P29a, P48b e P94 (cf. anexo fim do livro).

Nalguns campos de actividade, será a própria indústria de produção de equipamentos, programas e acessibilidades à informação quem insistirá para que as aprendizagens aconteçam, por se tratarem de campos com relações imediatas com o mercado que exploram. Será o caso a)

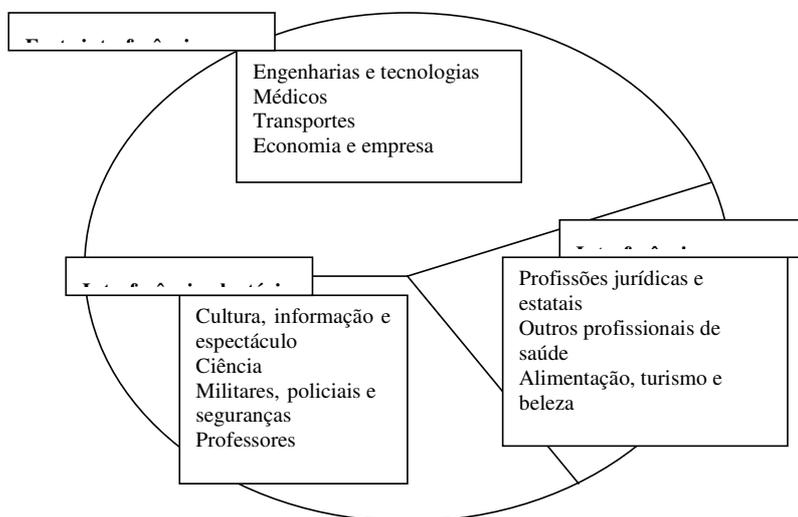
das *engenharias e tecnologias*, dos *médicos* e da *ciência*, eventualmente onde se encontram os profissionais com maior poder de prescrição de encomendas informáticas. No grupo seguinte b), com modos de utilização da Internet mais dispersos e mais raramente intensivos, encontramos os profissionais de *economia e empresa*, os de *cultura, informação e espectáculo* e as profissões *jurídicas e estatais*. Os c) professores e os *outros profissionais de saúde* utilizam, em geral, mais moderadamente a Internet para fins profissionais. d) *alimentação, turismo e beleza, transportes e militares, policiais e segurança* são os sectores onde os profissionais menos se ligam à Internet.

Para estes últimos três sectores profissionais pode dizer-se que i) são os que menor relação têm com as TIC, se tivermos em conta ambos os indicadores usados.⁶ No outro polo, iv) o sector onde tanto ao nível das associações como ao nível das práticas profissionais os indicadores de familiaridade com as TIC é maior é o da *ciência*. As iii) *engenharias e tecnologias* e os *médicos* usam a Internet em termos profissionais, mas nas suas associações usam menos que os outros sectores, no caso dos *médicos*, ou usam medianamente, no caso dos *engenharias e tecnologias*. O ii) sector da *cultura, informação e espectáculo* utiliza TIC um pouco acima da média tanto nas associações como na actividade profissional. Situação simétrica em relação à média tem os sectores de *outros profissionais de saúde e jurídicas e estatais*: usam TIC um pouco abaixo da média. Finalmente o sector *economia e empresa* é o mais próximo das médias obtidas, um pouco mais acima no que diz respeito aos usos profissionais, um pouco mais abaixo no que concerne os usos nas actividades associativas.

Consoante as profissões, assim o impacto inovador dos usos das TIC é maior ou menor, e torna o desenvolvimento de competências específicas nessa área mais ou menos crítico. Para termos uma ideia das posições relativas dos diversos sectores profissionais considerados a este respeito, analisaremos de seguida a avaliação que as associações fizeram.

⁶ O facto do sector dos *transportes* usar *sites* em quantidade acima da média, não invalida a nossa conclusão.

Figura 5.7: Tipos de interferência das TIC nas profissões, por sectores profissionais



Nota: Figura correspondente à análise feita do quadro 5.7, em anexo no final do capítulo e às respostas à P93a (cf. anexo fim do livro).

Formam-se assim três grupos de sectores profissionais:

- Para os primeiros quatro sectores profissionais da lista ordenada no quadro acima as TIC tiveram e têm interferência forte nas respectivas vidas profissionais.

- Para as profissões *jurídicas e estatais*, para os *outros profissionais de saúde* e para o sector de *alimentação, turismo e beleza* a interferência é ainda relevante, embora em escala inferior.
- Para a *cultura, informação e espectáculo*, para a *ciência*, para *militares, policiais e segurança* e para os *professores* não é apenas a escala de interferência que é diferente: também a intensidade da interferência é mais moderada. Seja porque existe uma parte significativa dos profissionais que negam (de forma mais ou menos enfática) qualquer interferência significativa das TIC na vida profissional quotidiana, seja porque preferem reconhecer sem ênfases essa mesma interferência.

Perguntou-se, ainda a este respeito, se a introdução de TIC no campo profissional incitava a reciclagem ou actualização de conhecimentos. As respostas foram esmagadoramente afirmativas, provavelmente não apenas pela efectiva proliferação de inovações induzidas pelas TIC. As resposta não podem deixar de estar ideologicamente condicionadas pelos projectos voluntaristas, públicos, privados e mistos, no âmbito da sociedade da informação/conhecimento que tiveram nos anos mais recentes uma consagração oficial. Numa perspectiva mais profunda, tal unanimidade reflecte a convicção de toda a civilização ocidental na bondade intrínseca das tecnologias, consideradas por muitos como o motor e o principal motivo a esperança da humanidade se poder presentear a si mesma com a produção de melhores condições de vida e, também – ou talvez principalmente –, no imediato, com mais oportunidades de vida, como são prova os indicadores de saúde e longevidade que nos distinguem, enquanto povos, de outros tempos e de outras civilizações. Quer dizer: avaliamos a unanimidade registada como significativa de forma geral de como as nossas sociedades encaram as TIC, e, evidentemente, de um modo particular, os sectores profissionais, por razões subjectivas e objectivas misturadas de tal forma que se tornam indiscerníveis a olho nu.

Com os dados obtidos é possível identificar laivos de cepticismo relativamente ao valor ideológico e prático da hegemonia do prestígio das tecnologias e das TIC em particular. Um terço das associações de *cultura, informação e espectáculo* e *militares, policiais e segurança* não alinham na unanimidade, bem como, com metade desse valor, no caso das profissões *jurídicas e estatais* e de *ciência*.

Para interpretar estas informações podemos recorrer à tese das *duas culturas* que se refere, de forma muito empírica, à polarização e até à luta entre as sensibilidades científicas e artísticas-literárias que estão inscritas de forma indelével nos currículos escolares do ensino secundário, quando os jovens têm que abandonar as letras ou as ciências na altura em que são impelidos a definir a sua vocação. Tal escolha vocacional condicionará, de forma inelutável, o seu pensamento, a ponto de ser um sinal de extraordinária capacidade um cientista ou um homem de ciência ser, ao mesmo tempo, um amante das artes, ou vice-versa. Veja-se, por exemplo, a atracção exótica que gera o Dalai Lama, do Tibete, que, apesar de ser um chefe religioso e estranho à cultura ocidental, aceitou colaborar com cientistas americanos em debates de índole epistemológica. Daniel Bell referia-se, num texto sobre as contradições culturais do capitalismo, a um romântico século XIX, incapaz de sentir e trabalhar esteticamente as paisagens industriais, por oposição ao reconhecimento do *design* como disciplina artística, na segunda metade de século XX.

O reconhecimento da existência das duas culturas ajuda a interpretar a posição mais céptica do sector profissional da *cultura* perante as tecnologias em geral e as TIC em particular. Ajuda também a entender a posição do sector da *ciência*, já que a importância actual do relativismo (Boudon, 1998) releva, em parte, da capacidade de penetração do cepticismo anteriormente mais próprio dos sectores da cultura. Funcionará como o contraponto da estetização do tema industrial de que falou Bell.

O cepticismo dos sectores *militar* e *jurídico* não são interpretáveis directamente assim.⁷ Ambos remetem para profissionais que trabalham com questões de poder do estado a vários níveis. Será por esse facto que entendem, mais do que os sectores mais próximos do social (professores e profissionais de saúde) ou do mercado, a tecnologia como um instrumento à sua disposição, recusando a sua naturalização?

A complexidade do fenómeno técnico profissional impede leituras simplistas da posição de cada sector de actividade, mesmo descontando, como temos vindo a fazer, a diversidade interna a cada campo profissional. Do presente trabalho pode esperar-se o desenho de um quadro que permita identificar alguns dos parâmetros distintivos das posições das diferentes profissões

⁷ Se o sector jurídico fosse homogéneo, isto é se não incluisse *profissões estatais*, talvez pudesse ser identificado como uma profissão de gente de letras.

em Portugal a respeito deste tópico, das TIC. Tal quadro permitirá caracterizar cada sector profissional, como ensaiaremos no final deste capítulo. Em termos gerais ficamos a saber, por exemplo, que os profissionais da *cultura, informação e espectáculo*, da *ciência* e os *professores*, embora partilhem com os *médicos* e as *engenharias e tecnologias* o uso quotidiano e profissional das TIC, têm uma ideia diferente da profundidade da interferência das mesmas nos desempenhos profissionais. As profissões que mais usam TIC distinguem-se entre si pela apreciação que fazem da intensidade do seu impacto, com boa probabilidade em função de razões práticas que, noutro estudo, se poderão identificar. Numa primeira interpretação, os três sectores profissionais citados, mais *teóricos*, isto é mais distanciadas de urgências práticas de solução de problemas, não são tão propensos a desenvolver o entusiasmo informático (Dores, 1991).

Não é o caso dos sectores da *economia e empresa* e principalmente dos *transportes*, já que embora com usos profissionais quotidianos em cima ou inferiores à média das associações inquiridas, não hesitam em reconhecer o papel decisivo das interferências tecnológicas na profissão. Efectivamente é do domínio do senso comum que a manipulação dos mecanismos de mercado, através da informatização e do controlo de gestão à distância, é um dos principais objectivos das TIC, cuja relevância, de resto, segundo Aganbeguian (1997) esteve na origem da derrota da URSS na sua corrida económica com os EUA. A primeira não foi capaz de difundir as TIC – que dominava a nível militar e sideral – nas práticas empresariais comuns, como aconteceu no ocidente. Nas empresas, a intensidade de uso das TIC, ao contrário do que acontece nos sectores profissionais mencionados no parágrafo anterior, caracteriza-se por ser rotineira e sistemática, gerindo grandes sistemas de informação de grande volume. Daí que se possa compreender que os profissionais integrados nos sectores que estamos a analisar sintam que a importância profissional da introdução de TIC seja maior a nível institucional e social do que a nível das práticas profissionais em sentido estrito.

Menos entusiásticos são os sectores *militares, policiais e segurança e alimentação, turismo e beleza* que encontram menos utilização para as TIC e também fazem reflectir isso na apreciação da importância das interferências tecnológicas no desempenho das respectivas profissões, bem como no campo da necessidade de reciclagem de conhecimentos. Em posição semelhante encontramos os sectores *jurídicas e estatais* e os *outros profissionais de saúde*, apenas registando, nestes últimos dois casos, uma maior tendência de utilização quotidiana de

TIC e uma maior tendência para reconhecer a importância das interferências tecnológicas na profissão e na formação profissional.

A consciência da relevância do desafio da informatização da sociedade é, pois, a tripla consequência de a) efectivas transformações dos conteúdos de trabalho profissionais, b) reacções de acompanhamento das reconversões profissionais induzidas pelo desenvolvimento tecnológico nos ambientes de trabalho, seja em meio empresarial ou institucional, c) actualizações ideológicas nos discursos legitimadores das identidades profissionais.

5. AS PROFISSÕES NO MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO TECNOLÓGICA

O entusiasmo dos profissionais portugueses pela informática e pelas TIC é inegável e tem sido evidenciado pelos dados já avançados, a partir do inquérito que serve de base ao nosso trabalho. Não há, como por vezes fazem os cépticos da tecnologia, que negar aquilo que se pode verificar existir a olho nu. Há, sim, propomos aqui, que aceitar que a natureza humana admite e desenvolve entusiasmos variados, que tomam por centro entidades ou acontecimentos vivos ou imaginários, reais ou virtuais, razoáveis ou irreflectidos, bons ou maus.⁸ Assim, se é certo – quer se goste, quer não – que os profissionais portugueses, como muitos outros sectores da sociedade portuguesa, sentem algum arrebatamento pelo futuro que as TIC nos prometem (arrebatamentos e futuros variáveis conforme as pessoas e as circunstâncias em que vivam), não é menos certo que esses não são os únicos sentimentos, valores, projectos que são socialmente partilhados pelos profissionais, como pelos portugueses em geral. Isso mesmo pode ser verificado através da análise de dados estatísticos que se segue.

É pois claro que as tecnologias de informação e comunicação constituem uma preocupação relevante para as associações profissionais a vários títulos e de diversas formas, seja no campo da acção associativa propriamente dita, seja no campo profissional ou até no campo social e cognitivo. Só que, naturalmente, essa não é a única preocupação das associações.

Se consideramos o conjunto das preocupações citadas pelas associações, em dezasseis tópicos que lhes foram propostos, o uso das TIC aparecem em sexto lugar, a par com as preocupações de tratamento fiscal, com 55% de referências, e próximo das preocupações com a falta de oportunidades de emprego. Acima destas preocupações só as preocupações mais nobres

⁸ Cf. conceito de movimento social em Alberoni (1979), mobilizado por Dores em 1991, 1993 e 1995.

do associativismo profissional: reconhecimento do estado, formação, carreiras e qualidade de serviço prestado. Se considerarmos apenas os tópicos que preocupam muito as associações, o uso das TIC desce um pouco na consideração dos entrevistados, sendo secundarizado pelas preocupações com o quadro legal de actuação profissional e pelo excesso de cursos de acesso à profissão. Em qualquer caso, bem acima de preocupações com problemas de concorrência, de exercício profissional na Europa ou com o estabelecimento de empresas multinacionais no país.

Podemos dizer que os profissionais portugueses dão às TIC a importância máxima, se entendermos por isso que elas concentram a sua atenção logo a seguir às preocupações económicas e sociais enquanto profissionais. Ao invés do que defendem os autores mais entusiasmados com os fenómenos informáticos, os profissionais portugueses não abandonam a sua vida profissional, no sentido social e económico, em favor da sua vida virtual, em frente às maravilhosas máquinas *inteligentes*, como chegaram a temer alguns estudiosos dos comportamentos anti-sociais tecnologicamente induzidos. Mas é certo, a confirmar pelos resultados do inquérito que apresentamos, que estão atentos e obrigados às inovações tecnológicas no campo das TIC.

Cada sector profissional dá atenções diversas ao problema do uso das TIC. O sector mais preocupado é, destacado, o dos *militares, policiais e seguranças* (com citações de quase todos os inquiridos) seguido pelas profissões *jurídicas e estatais, da economia e empresa, dos transportes e dos professores*. Metade das associações das *engenharias e tecnologias* marcam esta preocupação, logo seguidas do sector de *alimentação, turismo e beleza e ciência*. No fim, nada preocupados, estão os *médicos* longe das preocupações menores dos outros profissionais de saúde e dos profissionais de *cultura, informação e espectáculo*.

As tecnologias de informação e comunicação significam oportunidades e constrangimentos muito diferentes de sector profissional para sector profissional. Provavelmente a única coisa que têm objectivamente em comum as máquinas que preocupam, por exemplo, os militares e não preocupam os médicos, é terem por elementos constituintes produtos da indústria micro-electrónica e de computação. Uns estarão a referir-se a máquinas de registo e informação de informação estratégica ou operacional e os outros a máquinas de diagnóstico e de tratamento de doenças. Se os sistemas de poder que legitimam ambas as actividades podem ser considerados, de certos pontos de vista teóricos e abstractos, os mesmos, as práticas profissionais

certamente não o serão. Os *médicos* usam as suas máquinas para resolver problemas, à medida em que as possibilidades técnicas se desenvolvem, isto é sem terem necessidade de se preocupar pessoalmente com o desenvolvimento técnico. Os *militares, policiais e seguranças*, por seu lado, usam as TIC para aceder rapidamente a informações que lhe sejam úteis e isso, a construção de sistemas de informação, provavelmente secretos – e, por vezes, alegadamente, ilegais – constitui parte central da sua actividade profissional.

Podemos agrupar os outros vários sectores profissionais consoante se mostrem mais interessados na característica de facilitador de tarefas das TIC (*engenharias e tecnologias, outros profissionais de saúde e professores*), na rapidez que imprime às actividades para que são chamadas (economia e empresa, *profissões jurídicas e estatais* mais preocupadas e os *outros profissionais de saúde e cultura, informação e espectáculo*) ou em várias características ao mesmo tempo (transportes mais preocupados, *ciência e alimentação, turismo e beleza*, menos preocupados).

Consoante a especificidade de cada sector de acção profissional assim as associações inquiridas caracterizam o valor – unanimemente reconhecido – das potencialidades das TIC. Por isso, não se pode estranhar que haja a preocupação de dar conta dessa importância logo na formação inicial dos profissionais (P92), principalmente ao nível do conhecimento dos usos dos PC e da Internet – 61% das associações referem existirem alterações *muito significativas* das respectivas formações iniciais típicas por causa da introdução das TIC –, do uso de novas técnicas – 55% de respostas neste sentido – e, em menos casos, de novos equipamentos – 51%. Se tivermos em conta também as alterações *algo significativas* das formações iniciais, os valores de resposta saltam para 85%, 83% e 80% respectivamente. Algumas associações profissionais afirmam que, ao nível da formação inicial, não houve influência das TIC (12%, 14 e 16% respectivamente em relação aos sub-tópicos referidos).

A nível profissional (P93), 22% das associações profissionais pouco ou nada viram os desempenhos dos respectivos associados afectados com as TIC. Mas em 77% das profissões, as TIC são consideradas decisivas para manter as actuações profissionais actualizadas e para 37% delas as TIC são mesmo muito decisivas.

Há diferenças de apreciação do uso das TIC, para fins profissionais, que podem ser consideradas, conforme os diversos sectores, através do método de desagregação que temos

vindo a usar para outros indicadores. Descobrimos serem os sectores *médicos* e dos *transportes* que notam mais as *implicações das TIC na formação inicial* (manipulação de computadores e da Internet). A seguir, atribuindo um grau de significado grande mas em escala inferior, há um grupo de mais quatro sectores profissionais: nos sectores de *economia e empresa* e de *engenharias e tecnologias*, ao lado de uma forte maioria de associações profissionais que entendem com *muito significativo* o impacto das TIC na formação inicial, há também um número pequeno de associações que negam qualquer impacto. Nos sectores dos *professores* e das *profissões jurídicas e estatais*, nenhuma associação acha desprezível tal impacto, mas mais de um terço das respostas também não reconhecem o *muito significado* nesse impacto. São, pois, um grupo de sectores profissionais profundamente atingidos nas respectivas formações iniciais pelas inovações TIC, mas onde as sensibilidades divergem em relação à tendência dominante de aceitar as TIC como um determinante da vida profissional. Todos os restantes sectores ainda não citados reproduzem, com maior expressão do que nos sectores já referidos, a polémica: sempre alguma associação declara não considerar nada relevante as TIC para a formação profissional inicial. Tal posição é particularmente forte nos sectores da *cultura, informação e espectáculo* e da *alimentação, turismo e beleza*, mas também no da *ciência*, sectores onde, mesmo assim, mais de metade das associações inquiridas declaram *muito significativo* o impacto das TIC. Têm posições especiais os *militares, policiais e seguranças*, que são o único sector profissional em que há mais associações a não inscreverem, como resposta, o máximo significado das TIC na formação inicial permitido pelo questionário, do que o inverso. Apenas um terço das respostas obtidas recolheu a cruz no valor máximo. Une este sector ao dos *outros profissionais de saúde* o facto de as declarações de *nenhum significado* para as TIC na formação inicial serem em número menos importante que no caso dos sectores mais cépticos, digamos assim.

Organizando os sectores profissionais portugueses de acordo com o tipo de resposta que deram à questão sobre *o maior ou menor significado das implicações das TIC na formação inicial*, constituímos quatro grupos de sectores profissionais: o primeiro, o dos *médicos* e dos *transportes*, constata mais claramente a existência de implicações da emergência das TIC na formação inicial, tanto no que se refere ao ensino do uso de PC e Internet, como vimos, como na aprendizagem de utilização de *novos equipamentos e materiais e novos conhecimentos e técnicas* TIC, que são perguntas autónomas no questionário. Em média, estes dois últimos tópicos são apontados como tendo menor influência nas formações iniciais das profissões, como é

compreensível. Tal facto realça mais o contraste do caso dos *médicos*, para cujo sector profissional são mais sentidas as implicações das TIC no aspecto em que impõe formação inicial de novas técnicas e conhecimentos profissionais. Efectivamente, como se pode constatar pela experiência própria de consulta aos médicos ou pela comunicação social, os sectores do diagnóstico e tratamento médicos têm sido fortemente investidos pela indústria de máquinas com base em tecnologias micro-electrónicas. Confirma e reforça esta ideia o facto de, neste aspecto, o da formação inicial em novas técnicas e conhecimentos, as implicações das TIC serem reconhecidas também pela quase unanimidade das associações profissionais do sector dos *outros profissionais de saúde*, em maior contraste com os outros dois tipos de implicações avaliadas (aprendizagens em formação inicial do uso de computadores e Internet ou de novos equipamentos e materiais específicos) a que este sector dá pouco relevo.

No caso do segundo grupo, as *engenharias e tecnologias* aparecem no grupo da frente dos sectores mais sensíveis, na formação inicial, à existência de *novos equipamentos e materiais*, o que se entende, juntamente com o sector da *cultura, informação e espectáculo* (neste caso com mais polémica de pareceres entre as associações inquiridas) e a *ciência*, um pouco menos entusiasmada. O sector da *economia e empresa* reduz para abaixo da média das declarações mais positivas, ainda que só um pouco abaixo, o reconhecimento do impacto na formação inicial seja dos *equipamentos e materiais* seja dos *conhecimentos e técnicas*. *Professores e profissões jurídicas e estatais* acompanham o mesmo movimento, mas de forma mais acentuada.

Os sectores *militares, policiais e segurança e alimentação, turismo e beleza* mantêm-se como parte dos sectores menos sujeitos à influência das TIC na respectiva formação profissional, em qualquer das três modalidades enunciadas.

Estes resultados sugerem-nos, intuitivamente, em função dos saberes de senso-comum sobre o que sejam os propósitos e os instrumentos de trabalho da cada sector profissional, haver diferentes sensibilidades aos diversos assuntos em análise em função de circunstâncias práticas próprias de cada profissão. Mas também se espera, principalmente quando se fala em novos instrumentos de trabalho com base nas TIC, que as diferentes gerações de profissionais, nomeadamente através de diferentes e actualizados currículos de formação inicial, procedam paulatinamente à introdução de inovações. Os dados que temos não permitem sermos precisos neste ponto. No entanto permitimo-nos ler os resultados à P21d, *Que sensibilidades foram tidas*

em conta para a constituição da lista vencedora às últimas eleições da associação?, apenas no que concerne à antiguidade na profissão. Ficamos a saber que em 2/3 dos casos foram ponderados os membros das listas em função da sua pertença a diversas gerações profissionais. Se procurarmos saber como os diversos sectores são mais ou menos sensíveis a este propósito, aprendemos o seguinte: em qualquer dos sectores, pelo menos metade das associações inquiridas tiveram em conta este critério para formação de listas. Os sectores que lhe deram mais atenção foram, por ordem decrescente de importância, *transportes, cultura, informação e espectáculo e profissões jurídicas e estatais* em que 4/5 das associações se preocupam com o assunto. *Alimentação, turismo e beleza e outros profissionais de saúde* estão acima da média. Os *professores* estão na média. A *ciência, engenharias e tecnologias, militares, policiais e segurança* estão abaixo da média e *médicos, economia e empresa* estão ainda mais abaixo.

Finalmente analisaremos de que forma as TIC têm tido implicações na reorganização dos campos profissionais, através das respostas obtidas no inquérito sobre a sobreposição de tarefas verificadas entre profissões vizinhas e as suas causas principais. Cerca de metade das associações profissionais informaram-nos haver situações do tipo nas profissões que representam e em metade dos casos em que isso acontece as associações reconhecem que entre as suas causas estão os efeitos da evolução das técnicas, dos conhecimentos e das aplicações profissionais, ao mesmo nível dos efeitos provocados pela reformulação dos modelos de aprendizagem/formação. Menor influência terão as disputas sobre jurisdição ou competências de grupos profissionais e ainda menos as necessidades de reivindicação/conquista de regalias.

Como sempre acontece, há variadas posições entre os diferentes sectores profissionais. No caso em apreço há mesmo uma forte polarização de posições, já que nada assemelha a situação das *engenharias e tecnologias* ou da *ciência*, extremamente sensíveis à evolução das técnicas, dos conhecimentos e das aplicações profissionais para a sua própria definição profissional, aos sectores dos *transportes* e da *alimentação, turismo e beleza* em que nenhuma associação profissional sente qualquer influência desse aspecto na origem de sobreposições de actividades profissionais. Os *professores* são também bastante sensíveis a este problema e mais perto da média estão os *médicos* e a *economia e empresa*. Todos os outros sectores têm sensibilidades abaixo da média, sendo o mais sensível dos sectores ainda não citados a *cultura, informação e espectáculo* e o menos sensível os *militares, policiais e seguranças*. Nos casos dos *outros profissionais de saúde* e das *profissões jurídicas e estatais*, cerca de um terço das

respostas mencionam existirem tendências recentes de sobreposições profissionais causadas pela evolução das técnicas, dos conhecimentos e das aplicações profissionais.

Questionadas sobre o modo específico como essas interferências acontecem em Portugal, compreensível as taxas de resposta baixaram (P93b). Mas permitiram, ainda assim, aprender que para 1/4 das associações inquiridas as TIC facilitam a tarefa profissional e permitem que haja maior rapidez na sua execução. Para 16% delas a possibilidade de acesso à informação é relevada e para 12% o uso das TIC permite que o acto profissional seja mais eficaz perante o problema encontrado. Facilidades de segurança, gestão, comunicação e rigor foram também mencionadas como ganhos de qualidade no desempenho profissional.

Comentário [apad2]:

Comentário [apad3]: Perg 93

As citadas melhorias das condições de exercício profissional pela utilização das TIC são apontadas de forma diferente consoante o sector profissional. Por exemplo, as associações do sector da *economia e empresa* e das *profissões jurídicas e estatais*, centrando-se especialmente em reconhecer a rapidez que as TIC imprimem às actividades profissionais. Também no caso dos dois sectores da saúde são apontadas melhorias significativas, enfatizando os aspectos que tem a ver com a eficácia perante os problemas. No caso dos *outros profissionais de saúde* a facilidade da tarefa e a rapidez também é citada com alguma frequência. Os *professores* e as *engenharias e tecnologias* preferem chamar a atenção da facilitação das tarefas que as TIC permitem. O sector *militares, policiais e segurança* insistem sobretudo nas potencialidades novas no acesso à informação. Nos campos da *cultura, informação e espectáculos*, da *ciência* e dos *transportes* o destaque vai para a diversidade de benefícios mencionados, sem concentração particular em nenhum deles.

6. APLICAÇÃO DE QUADRO ANALÍTICO AO CASO DOS SECTORES DAS ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS E DOS TRANSPORTES

Utilizaremos, para ilustrar as potencialidades da metodologia adoptada, os sectores das *engenharias* e dos *transportes*. A escolha recaiu sobre os sectores profissionais que menos directamente foram abordados noutros capítulos deste trabalho.

Partimos de um cenário, acima identificado, de profunda influência da emergência das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas vidas profissionais, em Portugal, desde a formação inicial, até à estruturação dos mercados, passando pelos conteúdos de trabalho e pela forma como os profissionais encaram as diversas vertentes da sua situação económica e social. A

forte recomposição sócio-profissional que acompanha o crescimento da actividade profissional em Portugal é sentida de forma diversa nos diversos sectores, por razões particulares relacionadas com os respectivos mercados, mas também, em maior ou menor medida, relacionadas com as transformações dos conteúdos de trabalho, seja ao nível da prática dos actos profissionais, seja ao nível do estatuto social e jurídico a coberto dos quais tais actos são praticados, seja ao nível das expectativas geradas nos beneficiários dos serviços profissionais, seja ao nível do lugar conseguido pelo profissional na organização capitalista da economia (trabalho mais assalariado, mais patronal ou mais por conta própria).

A metodologia mobilizada para o presente trabalho, como já foi dito, não centra a sua atenção no profissional, enquanto indivíduo, mas procura traçar um perfil, à moda do clássico tipo-ideal, em que, para efeitos de análise, os sectores profissionais – representados pelas respostas obtidas das diversas associações profissionais inquiridas – assumem uma homogeneidade enganadora, por comparação com os outros sectores – eles próprios heterogéneos internamente – com que são confrontados. Não pode o leitor esperar uma fidelidade micro social dos dados que estamos a apresentar ou das interpretações que deles fazemos. Principalmente ao leitor menos familiarizado com a linguagem sociológica, falar de sectores profissionais, como estamos a fazer, pode ser interpretado – o que seria incorrecto e não corresponde à intenção do autor – como uma descrição de um engenheiro ou um transportador concretos. Não se trata disso.

O que se segue é uma leitura comparada dos dois sectores profissionais escolhidos entre si e com o conjunto de todos os sectores, em função da análise geral acima apresentada.

Uma primeira imagem, tecida com base na investigação das relações internas ao sector entre as perspectivas sindicais e patronais que atravessam os campos profissionais respectivos, na investigação dos níveis de qualificações escolares mais comuns e no tipo de valorização que os profissionais atribuem aos conhecimentos e competências profissionais, mostra-nos um forte contraste entre os profissionais das *engenharias e tecnologias* e os dos *transportes*. Do lado dos primeiros não há memória de conflitos com associações de índole patronal e as relações de *separação e complementaridade* são as terceiras mais fortes que as profissões conhecem em Portugal (rever quadro 5.1). Ao invés, no campo dos segundos, as *sobreposição e concorrência* com associações patronais apenas são maiores num caso de um outro sector profissional, mesmo

se a esmagadora maioria das associações de *transportes* inquiridas não conhecem associações patronais no seu subsector. Esta imagem é reforçada e completada no quadro 5.2, onde se confirma a desconhecimento de atitudes de concorrência nas *engenharias e tecnologias*, agora com os sectores sindicais presentes no campo profissional. Pelo contrário: a maioria das associações inquiridas revelam assumir relações de complementaridade também com as associações sindicais. No caso dos transportes ressalta o facto de nem num dos seus subsectores, representados por cada uma das associações que responderam ao nosso inquérito, em nenhum deles, dizíamos, estão ausentes as associações sindicais, com quem os profissionais mantêm, numa forte maioria de casos, relações de *separação e complementaridade* mas que, nem por isso o sector evita ser o que mais regista situações de *sobreposição e concorrência*.

Para uma interpretação sociológica dos factos recolhidos no inquérito devemos retomar as propostas acima citadas de Reich. O campo profissional em Portugal sofre tensões modernizadoras que, como diz o autor, tendem a delimitar campos diversos de actividade profissional, de que podemos destacar três: o campo dos analistas-simbólicos, o campo dos prestadores de serviços pessoais e o campo dos trabalhos de rotina. Nesta perspectiva, os campos profissionais das *engenharias e tecnologias*, por hipótese, estarão mais vocacionados para aspirarem ao estatuto de dominância atribuível aos analistas-simbólicos, ao passo que os profissionais dos transportes, sector, como já vimos, de importância estratégica para a realização do programa de actividades dos analistas-simbólicos, embora também possa ser caracterizado, juntamente com as tecnologias, como um sector emergente, nesta fase histórica do desenvolvimento das profissões – tanto em Portugal como no mundo –, segundo a proposta de Reich, deverão ser entendidos como parte das actividades de serviços pessoais, em razão do tipo da sua funcionalidade. Isso explicaria como num dos casos, as *engenharias e tecnologias* evitam os conflitos locais: através da mobilização das potencialidades da globalização, da proximidade a qualquer ponto de planeta, seja para contactar colegas de profissão, seja para pedir conhecimentos a académicos ou profissionais especializados, seja para arranjar clientes ou conseguir trabalho. Ao invés, no caso dos profissionais dos transportes, os seus problemas principais estão localizados, não se podem pensar como sendo virtuais. É precisamente isso que é a sua função social: tornar transparente a geografia para quem esteja em condições de pagar os seus serviços. Ora, no terreno, persistem os conflitos característicos do capitalismo monopolista de estado, da fase anterior de desenvolvimento da economia e do mercado. Mesmo que sejam

principalmente os trabalhadores de rotina, portanto em princípio excluídos dos campos profissionais, quem protagoniza as práticas de luta de classes, os profissionais dos transportes têm que nelas participar, nalguma medida.

Esta interpretação pode ser reforçada e refinada se o leitor se lembrar da análise de *perfis profissionais* ensaiada da primeira vez que nos referimos ao trabalho de Reich, neste capítulo. As *engenharias e tecnologias* foram, então, agregadas ao perfil liderado pelo sector profissional da *economia e empresa* ao passo que os transportes foram associados ao perfil liderado pelos *juristas e profissões estatais*: de um lado o desafio da globalização, do outro o problema da ancoragem territorial da vida em geral, e da vida profissional em particular.

Continuando a seguir as pisadas da análise geral que produzimos neste capítulo sobre as profissões em Portugal, recordaremos que as *engenharias* registam os níveis de qualificações escolares mais elevados, imediatamente a seguir às profissões clássicas e às profissões académicas, enquanto que os *transportes* registam das mais baixas qualificações formais. Novamente, as hipóteses de Reich ajudam a interpretar estes dados, na medida em que, para os analistas-simbólicos, a possibilidade de actualização constante de conhecimentos só pode ser assegurada através de relações estreitas com os mundos académicos.

Estamos, pois, em presença de dois sectores profissionais com inserções claras e distintas na sociedade portuguesa globalizada que vivemos. De seguida, trata-se de procurar investigar o modo como as TIC servem, e são usadas por, estes dois sectores sociais, através das informações do inquérito que estamos a revelar neste livro.

No quadro 5.5 o leitor pode verificar como o uso da pelas associações da Internet e de suportes digitais de distribuição de informação é semelhante para ambos os sectores, os mais próximos da média que caracteriza o campo profissional português. Ao contrário, no quadro 5.6, nas actividades profissionais propriamente ditas, a oposição entre a frequência (e certamente o modo) de utilização de TIC não podia ser maior. Nas *engenharias e tecnologias* os usos profissionais são os mais significativos do campo profissional português, nos *transportes* são os mais raros. O que não pode ser interpretado, erradamente, como se as TIC não tivessem tido forte influência em ambos os campos de actividade profissional, como se pode ler no quadro 5.7, em que ambos os sectores nos informam serem aqueles a quem a informatização da sociedade mais afectou.

A relação dos profissionais com as TIC é, portanto, muito diversa em cada um dos sectores estudados. Num caso, o das *engenharias*, o profissional têm contacto quotidiano com as TIC e usa-as de forma autónoma e criativa para melhorar os seus desempenhos profissionais, em seu proveito próprio e da qualidade do serviço prestado. No caso dos *transportes*, em que o ambiente de trabalho profissional é densamente informatizado, o profissional trabalha mais na qualidade de utilizador das tecnologias de informação e comunicação disponíveis no mercado para controlo de tráfego ou dos sistemas de transportes e assim por diante. Num caso o prescritor profissional pede máquinas que lhe facilitem trabalhos de rotina e lhe permitam exercitar as suas elucubrações inovadoras. No outro caso o prescritor profissional funciona mais como analista funcional dos sistemas de transporte, pedindo aos profissionais das *engenharias e tecnologias* que realizem a automatização de certas tarefas ou a substituição de sistemas entretanto considerados ultrapassados. Os profissionais dos *transportes* são, no que toca às tecnologias, clientes dos profissionais das *engenharias e tecnologias*, como afinal é óbvio e o próprio nome indica.

As diferentes atitudes que fecham, digamos assim, o perfil que aqui deixamos dos sectores profissionais em análise, não se deduzem das condições objectivas que até este ponto temos mencionado. É certo que as atitudes só adquirem sentido por se referirem a uma realidade e situação objectivas. Mas há sempre escolhas e alternativas variadas sobre qual atitude desenvolver em sociedade, há sempre, como nos ensinou Simmel, algum grau de liberdade que, mesmo em condições extremas, nos obriga e permite a fazer escolhas: tal é a humanidade. Nesse sentido convidamos o leitor a considerar os dados anteriormente expostos, e que agora retomamos, sem preconceitos.

Ao nível das preocupações manifestadas pelos diversos sectores pelos aspectos informáticos das suas condições de trabalho, o sector dos *transportes* mostra-se um pouco mais preocupado que as associações profissionais do sector das *engenharias*, que já de si não nega existirem razões fundadas para preocupações. Ao nível do tipo de vantagens que é proporcionado pela possibilidade/obrigação de utilização de TIC em modo profissional, as *engenharias* salientam o aspecto da facilitação do trabalho profissional que é possível, ao passo que nos transportes se regista uma dispersão de respostas por variado tipo de vantagens. Ambos os sectores são dos que mais reconhecem a importância na formação inicial de uma preparação informática, tanto ao nível do uso dos PC e da Internet, como ao nível do manuseamento das

máquinas e dos programas de uso profissional, assim como ao nível dos conhecimentos de novas técnicas, com ligeira vantagem para os *transportes*. Neste último sector regista-se um máximo de atenção nos critérios de antiguidade, quando se discute a representação dos diversos estratos de profissionais nos órgãos directivos das associações, ao contrário do que acontece nas *engenharias e tecnologias*, que, para efeito parâmetro, registam números abaixo da média.

Vem-nos à memória a noção de boa vontade, avançada por Bourdieu, para interpretar a posição do sector profissional dos *transportes*. No que implica tão só vontade, as associações deste sector mostram-se dispostas a explorar todas as qualidades das TIC: sentem e reconhecem a interferências destas tecnologias na sua vida profissional quotidiana, preferem aumentar a preparação dos seus profissionais futuros nesse particular e tudo isso lhes causa preocupação, isto é, ficam atentos ao que aparece. Os profissionais dos *transportes* vivem uma situação tensa, como já verificámos acima, que é também de oportunidades, mesmo que – ao menos tecnologicamente – dominadas por terceiros, os analistas simbólicos e os seus clientes mais poderosos, o que não deixa de ser inquietante. Esse sentimento poderá explicar, em parte, a atenção especial que dedicam à representação das diversas antiguidades na profissão. Por um lado, a oposição das práticas profissionais tradicionais e as actuais, eventualmente mais ajustadas às novas condições de exercício da profissão, explicarão tais atenções. As tensões que atravessam o sector serão umas de tipo mais antigo, nos casos em que a modernização da actividade ainda estiver em curso, outras serão de tipo mais moderno. Por outro lado, a solidariedade profissional não deixará de procurar transmitir aos que agora chegam os saberes de experiência feitos, em particular no que toca à situação sócio-profissional no campo da estratégia de desenvolvimento sócio-económico global, a que nos referimos acima.

O sector das *engenharias e tecnologias* caracteriza-se, principalmente, por ser o maior utilizador de TIC, o que condiciona toda a sua atitude típica. Interessada, preocupada, mas mais tranquila e reservada que no caso dos profissionais dos *transportes*. Estão noutra.

ANEXO AO CAPÍTULO 5: QUADROS COM A INFORMAÇÃO BRUTA RECOLHIDA NO INQUÉRITO, COM BREVES COMENTÁRIOS ANALÍTICOS SOBRE OS MESMOS.

O uso de frequências relativas torna mais fácil a seriação comparativa. Porém, dados os valores absolutos baixos, o leitor deverá ter em consideração que há efeitos de volume que distorcem o sentido de tal exercício.

Quadro 5.1: Existência de associações patronais, por sector de actividade, por ordem decrescente de inexistência de sobreposição

Sectores de actividade	Há sobreposição ou concorrência	Há separação ou complementaridade	Não existem associações deste tipo	NS/NR
Jurídicas e estatais	11	--	89	--
Militares, policiais e segurança	--	17	83	--
Ciência	10	--	80	10
Professores	6	18	76	--
Transportes	20	10	70	--
Médicos	--	33	50	17
Economia e empresa	7	50	43	--
Outros profissionais da saúde	--	59	41	--
Engenharias e tecnologias	--	50	40	10
Cultura, informação e espectáculo	6	44	33	17
Alimentação, turismo e beleza	27	55	9	9
Total	7	33	54	6

Nota: Informação recolhida a partir das respostas à P102 (*cf.* anexo fim do livro).

Considerando os sectores de profissões que contam com actividade de associações profissionais com preocupações patronais acima da média, vemos que são a *alimentação, turismo e beleza* onde há mais actividade deste tipo (ler coluna *não existem...* ao inverso, de baixo para cima). Seguem-se-lhe, de longe e por ordem crescente, os sectores *cultura, informação e espectáculo, engenharias e tecnologias, outros profissionais de saúde, economia e*

empresa e médicos. Nos campos das *engenharias e tecnologias e outros profissionais de saúde* não se conhecem nem sobreposição nem concorrência, isto é, as associações patronais existentes no sector trabalham de forma complementar e separada.

Os níveis de sobreposição e concorrência mais altos registam-se nos sectores profissionais com menor intervenção de associações patronais: *profissões jurídicas e estatais, transportes, ciência*. O sector de *alimentação, turismo e beleza* regista o mais alto índice de concorrência e sobreposição mas está no topo destacado da existência de associações patronais, das quais dois terços são consideradas separadas das associações profissionais e com campos de actuação complementares.

Os sectores onde a separação e complementaridade com as associações patronais é maior são *outros profissionais de saúde, engenharias e tecnologias, economia e empresa, cultura, informação e espectáculos e médicos*, por esta ordem, sectores em que a concorrência com as associações patronais inexistente ou é reduzida.

Quadro 5.2: Existência de associações sindicais, por sector de actividade, por ordem decrescente de inexistência de sobreposição

Sectores de actividade	Há sobreposição ou concorrência	Há separação ou complementaridade	Não existem associações deste tipo	NS/NR
Militares, policiais e segurança	--	42	58	--
Ciência	--	50	40	10
Engenharias e tecnologias	--	60	30	10
Economia e empresa	7	64	29	--
Cultura, informação e espectáculo	6	61	28	6
Outros profissionais da saúde	6	59	24	12
Jurídicas e estatais	22	56	22	--
Alimentação, turismo e beleza	9	64	18	9
Professores	24	53	6	18
Médicos	25	67	--	8
Transportes	30	70	--	--
Total	11	59	23	7

Nota: Informação recolhida a partir das respostas à P102 (cf. anexo fim do livro).

Os níveis de presença de associações sindicais nos diversos sectores profissionais são mais fortes 67% que os níveis de presença de associações patronais.⁹ Os níveis de sobreposição e concorrência também são mais altos, mas só 57% (de 7 para 11), o que indica uma menor propensão deste tipo de associações para a sobreposição e concorrência.

Quadro 5.3: Qualificação típica do associado, por sector de actividade, por ordem decrescente da presença de profissionais com formação de nível 5

Sectores de actividade	Nível 5 exclusivo ou maioritário	Tem nível 5 minoritário	Não tem nível 5	N/R
Médicos	100	--	--	--
Ciência	80	--	--	20
Jurídicas e estatais	67	22	11	--
Professores	59	24	12	6
Engenharias e tecnologias	40	30	10	20
Outros profissionais da saúde	35	47	--	18
Cultura, informação e espectáculo	22	28	6	44
Economia e empresa	21	57	7	14
Transportes	10	70	20	--
Militares, policiais e segurança	8	25	25	42
Alimentação, turismo e beleza	--	27	45	27
Total	39	31	11	19

Os dados permitem verificar que em 39% das profissões a frequência do ensino superior com sucesso ou é condição necessária de início de actividade ou é condição preferencial, o que é uma condição altamente restritiva num país que em 1991 tinha apenas 8% de licenciados entre a população. Noutros 31% de casos, em que a condição de ter um título académico não aparece como obrigatória, a existência de profissionais – ainda que em minoria – com títulos escolares de nível superior resulta dos esforços académicos e profissionais de aumentar qualificações e de assim suportar melhor o estatuto profissional.

Acima da média de respostas indiciando a presença exclusiva de profissionais com nível de qualificação superior encontram-se os sectores profissionais dos *médicos* e da *ciência*,

⁹ O cálculo usado é: APP/APS, em que APP é o número de associações profissionais patronais e APS o número de associações profissionais sindicais.

destacados, seguidos das *profissões jurídicas e estatais*, dos *professores* e das *engenharias e tecnologias*. Para os outros campos profissionais as associações inquiridas auto-avaliam-se como sendo compostas maioritariamente por pessoas com qualificações escolares não superiores, podendo ser distinguidos três grupos: os sectores onde rareiam profissionais sem curso superior (*outros profissionais de saúde, de cultura, informação e espectáculo e economia e empresa*), os sectores em que a presença de associações de profissionais com qualificações superiores obrigatórias é mais rara (*militares, policiais e segurança e alimentação, turismo e beleza*) incluindo o sector dos profissionais dos *transportes*, numa posição especial, onde convergem – embora em minoria – muitos licenciados.

Estes valores devem ser entendidos com cautelas, não só porque correspondem a conhecimentos fornecidos pelas associações inquiridas no âmbito de um inquérito, mas também porque os níveis de qualificação escolar em Portugal, partindo de uma base extremamente frágil, tem vindo a evoluir – mesmo que para alguns autores de forma insuficientemente rápida – certamente de forma diferenciada consoante os sectores. Se é pública a contenção de formação de profissionais de saúde em Portugal, ao ponto de haver um recrutamento oficial organizado em Espanha, no campo dos transportes, por exemplo, provavelmente, com a recente abertura de fronteiras na Europa e as novas exigências regulamentadoras daí decorrentes, as transformações nas qualificações no campo profissional serão espelho de uma recomposição socioeconómica, que teria de ser investigada mais em detalhe, que não cabe no âmbito do presente trabalho.

Quadro 5.4: Grau de importância dos conhecimentos e competências profissionais para a profissão, por sector de actividade, por ordem decrescente da avaliação *importante*

Sectores de actividade	Nada importante	Pouco importante	Importante	NS/NR
Outros profissionais da saúde	--	12	88	--
Economia e empresa	--	14	86	--
Ciência	--	20	80	--
Engenharias e tecnologias	--	20	80	--
Transportes	--	20	80	--
Cultura, informação e espectáculo	--	17	78	6
Médicos	8	17	75	--
Militares, policiais e segurança	--	25	75	--
Alimentação, turismo e beleza	--	27	73	--
Professores	--	24	71	6
Jurídicas e estatais	11	22	67	--
Total	1	19	78	1

Relembramos que a utilização de valores relativos é mobilizada neste trabalho apenas no sentido de facilitar a leitura comparativa entre sectores profissionais. Para cada linha dos quadros apresentados registam-se entre uma e duas dezenas de casos, portanto sem relevância estatística. Logo, o sentido dos números expostos deve ser entendido apenas como indicador de uma ordem de grandeza, em vez de um número exacto.

Quadro 5.5: Usos de TIC, por sector de actividade, por ordem decrescente da disponibilidade de *site* próprio

Sectores de actividade	Associação profissional tem <i>site</i> na Internet	Associação profissional distribui informação técnica em suporte informático
Professores	88	71
Jurídicas e estatais	78	33
Cultura, informação e espectáculo	72	44
Ciência	70	50
Engenharias e tecnologias	70	40
Transportes	70	50
Economia e empresa	64	57
Outros profissionais da saúde	59	41
Médicos	58	33
Militares, policiais e segurança	58	25
Alimentação, turismo e beleza	27	27
Total	66	44

Quadro 5.6: Usos de Internet por profissionais, por sector de actividade, por ordem decrescente de uso de mais de 76% dos profissionais

Sectores de actividade	<<25%	26 a 50%	51 a 75%	>> 76%	NS/NR
Engenharias e tecnologias	--	10	--	60	30
Médicos	17	--	8	58	17
Ciência	10	20	--	50	20
Economia e empresa	14	21	14	36	14
Cultura, informação e espectáculo	22	17	11	33	17
Outros profissionais da saúde	18	18	6	29	29
Jurídicas e estatais	33	11	22	22	11
Alimentação, turismo e beleza	36	9	--	18	36
Professores	41	12	18	18	12
Transportes	80	--	--	10	10
Militares, policiais e segurança	33	17	17	8	25
Total	27	13	9	31	20

Há a registar um número importante de não respostas, que nos faz lembrar poder existir alguma ignorância ou falta de informação sobre as práticas profissionais vigentes, dadas, por um lado, a disponibilidade cada vez maior de acessos a recursos TIC para profissionais qualificados e, por outro lado, as dificuldades de adaptar rapidamente processos de aprendizagem ou auto aprendizagem que permitam utilizar, de forma rentável, estes recursos.

Quadro 5.7: Forma de interferência das TIC no desempenho dos papéis profissionais, por sector de actividade, por ordem decrescente da resposta *decisiva*

Sectores de actividade	Muito decisiva	Decisiva	Pouco ou nada decisiva
Engenharias e tecnologias	70	20	10
Médicos	67	33	--
Transportes	60	30	10
Economia e empresa	50	43	7
Jurídicas e estatais	44	33	22
Cultura, informação e espectáculo	41	18	36
Outros profissionais da saúde	29	47	24
Alimentação, turismo e beleza	27	45	27
Ciência	20	60	20
Militares, policiais e segurança	17	58	25
Professores	6	53	41
Total	37	40	22